

depois de ter sido publicado o primeiro número da *Revista da Sociedade Filomática* (1833), o primeiro é o de Carlos Carneiro de Campos, seu "fundador". Sacramento Blake afirma que os outros dois, Francisco Bernardino Ribeiro e José Inácio Silveira da Mota, foram companheiros nesta empreitada do ilustre balano vindo de Paris já formado em Direito (1827) e professor na Academia desde 1829. Estavam para terminar o curso. Silveira da Mota bacharelou-se nesse mesmo ano (1833) e Bernardino Ribeiro, no seguinte.

HISTÓRICO DE UM TEXTO

HÉLIO LOPES

Dos três nomes que assinaram a "Introdução" no primeiro número da *Revista da Sociedade Filomática* (1833), o primeiro é o de Carlos Carneiro de Campos, seu "fundador". Sacramento Blake afirma que os outros dois, Francisco Bernardino Ribeiro e José Inácio Silveira da Mota, foram companheiros nesta empreitada do ilustre balano vindo de Paris já formado em Direito (1827) e professor na Academia desde 1829. Estavam para terminar o curso. Silveira da Mota bacharelou-se nesse mesmo ano (1833) e Bernardino Ribeiro, no seguinte.

Estranha que Carneiro de Campos — testemunha, na França, da batalha do Romantismo (*Cromwell* é de 1827) — não tenha trazido as sementes de inovação, comunicando a seus jovens colegas o que vira, as transformações a que assistira, abrindo-lhes os olhos às novas perspectivas do caminho romântico. Poder-se-ia esperar um forte impulso de renovação literária, se por acaso tivesse qualquer veledade, qualquer ambição no campo das letras. O que o tempo revelou foi que tanto Carneiro de Campos quanto Silveira Mota estavam preocupados com outros interesses. Primeiro o magistério, depois a administração pública (1).

De alguns nomes filiados à Sociedade Filomática, destacaram-se os dos dois irmãos Queiroga, de Antônio Augusto e João Salomé de Francisco Pinheiro Guimarães e de Justiniano José da Rocha. Para a lição de poesia que se praticava na época, possuímos o testemunho de João Salomé Queiroga (1810-1878). Os prefácios às duas coletâneas de versos que publicou, sobretudo a carta a Stocker (deve tratar-se de José Cristiano Garção Stockler, natural de São João d'El-Rei, bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1832), que acompanha *Arremedos*, constituem-se pequenos tratados de poética. Até o fim manteve-se Queiroga fiel aos ideais que presidiram a criação da Sociedade Filomática, renegando os mestres da poesia portuguesa, as lamúrias românticas, mas, portergando o verso branco; faz-se defensor

da rima, no que não acompanha muitos dos seus contemporâneos, e convoca todos os poetas para a realização da poesia americana. Além do caráter nacional, quer que ela tenha um fim utilitário; social: zurrir pela crítica os desmandos políticos e fazer-se instrumento de educação agrícola, industrial, torná-la, em benefício do trabalhador, meio de efetuar o sonho revolucionário da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Esta função pedagógica e tribunicia, emprestada à poesia por Queiroga, terá a sua ressonância hugoana, mas é preciso assinalar outro colorido de sua poesia; aquele que, contemporaneamente, Odorico Mendes exigia em seu *Virgílio brasileiro*. Dividindo os brasileiros em três grandes categorias — os civilizados, os selvagens e os sertanejos, lamentava o tradutor de *Eneida* que os últimos, em seus costumes e virtudes, não tivessem despertado um grande engenho que os cantasse. A elas dedicou-se Queiroga, senão com muito brilho, com bastante fidelidade e graça.

Também Francisco Bernardino Ribeiro demonstrou interesse no cultivo do verso. Talento menor, autor de algumas peças de ocasião, de traduções de apagados neo-clássicos franceses, a "Epístola" pode ser considerada aquilo que de melhor, em poesia, nos legou. É curioso como este espírito arraigado em velhos preceitos aconselha o desvencilhamento dos gastos modelos portugueses e a procura de outros exemplares na poesia inglesa e francesa (a única exceção que faz é de Garrett) e, o que é mais importante e o que marca um nítido caminho romântico pela entrega do poeta a seu mundo subjetivo, é o conselho de abandonar a realidade do universo exterior pelo da imaginação:

"Ou se o mundo real, tal qual existe,
Te não esperta a mente, inflama o espírito,
Da longa fantasia os campos ara; (...)
Ó fantasia, ó doce encanto do homem!
Enlevo d'alma plácido e contente!
Quem pudesse gozar quanto nos mostras
Com tuas magas variadas tintas!
Triste realidade da existência
Quão longe estás de tão amenos sonhos!
Tu nos pintas quais somos, quais passamos
Esta vida de angústias e tormentos,
Que com ardentes lágrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina!" (2)

Francisco Bernardino Ribeiro deixou nome, em seu tempo, pela fama de gênio que os contemporâneos nele descobriram. Depois da prematura morte (1837), o pai, Francisco das Chagas Ribeiro, cultuou-lhe a memória nas páginas da *Minerva Brasileira*. Mas, é sobretudo devido a Firmino Rodrigues Silva que o nome de Bernardino Ribeiro ainda é mais freqüentemente lembrado.

Antônio de Alcântara Machado, querendo fazer pilhéria com os "gênios" da Academia, toma exatamente Francisco B. Ribeiro como vítima e ainda mais lembrando a célebre nênia de Firmino:

"O exagero nascia na própria Academia. Até 1870, principalmente, cada geração que por lá passava descobria dentro de si mesma uns cinco ou seis gênios incontestáveis (...). A cada passo surge um gênio falscando. Quem se lembra hoje de Francisco Bernardino Ribeiro? Ninguém, com certeza. Pois quando esse bacharel de 1835 morreu, dois anos depois de formado, não podia faltar quem na Academia perguntasse (e numa Nênia o que é mais grave):

Que é feito do condor que o vôo ardido
Arrojava por cima desses Andes?" (3)

Alcântara Machado enganou-se. A verdade é que o nome de Bernardino Ribeiro continuou a aparecer em várias antologias poéticas do século passado, ao menos até o *Meandro poético*, de Joaquim Fernandes Pinheiro, em 1864. Depois dessa data, indiretamente, agarrado aos versos de Firmino.

Francisco das Chagas Ribeiro, que sobreviveu ao filho dez anos, (faleceu no dia 25 de julho de 1847) publicou-lhe a biografia e outros escritos na *Minerva Brasiliense*, entregues certamente à redação por intermédio de Emílio Joaquim da Silva Mala, médico ilustre e professor, amigo de Chagas Ribeiro. Foi Silva Mala que escreveu a "Notícia biográfica", quando faleceu Chagas Ribeiro, com oitenta e seis anos (4).

Não conhecemos as circunstâncias que trouxeram este mineiro ao Rio nem que atividade exercia. Mas, pelas notícias colhidas lá e cá, devia ser um homem culto, amante dos livros, talvez um bibliófilo. Ele é quem oferta, em 1839, ao Instituto Histórico e Geográfico a *Nova Lusitânia*, de Francisco de Brito Freire, a Santiago Nunes Ribeiro uma cópia das *Cartas chilenas*, incompleta, publicada pela primeira vez como oitavo volume da "Biblioteca brasileira" e, com certeza, outras, como o exemplar de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes. Não terá sido por intermédio de seu pai que Bernardino Ribeiro chegou ao conhecimento de Cadalso?

Chagas Ribeiro representa um elo entre os poetas da Inconfidência e a geração das primeiras décadas do século XIX. Se E. Joaquim da Silva Mala não errou na conta, Chagas Ribeiro nasceu em 1761, em Ouro Preto, contemporâneo portanto de Cláudio Manuel da Costa e de Tomás Antônio Gonzaga. Contemporâneo e amigo, como o diz claramente Silva Mala. A época da Inconfidência, Chagas Ribeiro contaria vinte e oito anos. Assim é que se pode explicar a existência, em suas mãos, de uma cópia de as *Cartas chilenas*. Chagas Ribeiro não esqueceu seus amigos poetas sacrificados à duvidosa justiça do visconde de Barbacena. O ambiente familiar despertaria em Bernardino Ribeiro o amor às letras.

Foi, porém, o amigo que favoreceu verdadeiramente o nome de Bernardino Ribeiro. Um ano mais velho, Firmino também nasceu no Rio de Janeiro a 23 de outubro de 1815. Matriculou-se mais tarde na Faculdade de Direito (1833) e bacharelou-se em 1837. Antes de partirem para São Paulo, já se conheciam Firmino e Bernardino. O ambiente da escola fortaleceu a amizade dos dois pela proteção que o jovem professor Bernardino prestou ao conterrâneo ainda estudante. Deste período existe pelo menos um poema de Firmino, a ode "As lágrimas", em que se lê nestes versos:

"Oh, como sou ditoso!
Do meu Ribeiro basta a voz tão grata,
E um gesto só me basta!...
Que de súbito os males se apavoram,
E fogem, como as nuvens,
Rápidas se debandam, quando Febo
Brilhante resplandece!
Lágrimas de pesar, adeus ó pranto!
Ide ao desgraçado
Que a sós consigo vive no universo,
Que um Ribeiro não conta,
Dai-lhe consolações, que a mim já destes,
As mágoas — mitigai-lhas". (5).

Ao adoecer gravemente, Francisco B. Ribeiro voltou ao Rio, vindo a falecer junto à família e sendo sepultado no convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca. A morte de Bernardino Ribeiro ocasionou, entre tantos versos ruins que a vida favoreceu, os melhores escritos por Firmino. É somente pela "Nênia" que Firmino, como poeta, ainda merece ser lembrado e por ela, de alguma forma, se prende ao grupo da Sociedade Filomática.

A morte do amigo foi largamente chorada. Em *O Cronista* de 2 de setembro de 1837 sai uma primeira nênia e a 16 deste mesmo mês e ano, uma elegia. Ambas sobre o mesmo tema. A nênia de 2 de setembro, com epígrafe de Millevoye — "La fleur de ma vie est fanée" — responde ao colega Ferreira, quintanista de Direito, que fez o retrato de Bernardino Ribeiro. O poeta descobre nas linhas do desenhista os traços verdadeiros do amigo:

"— É ele, o meu Ribeiro, é ele
Que à tua voz da fria campã ergueu-se,
Mas contente como em horas de alegria.
Que nobre posição! Que ar expressivo!
Que ser nas felções! Que fronte augusta!
Quanto prodígio de saber continha!!
Suavíssima eloquência deslizava-se
Tão docemente pura desses lábios,
Como um cândido arroio das florestas!
— Nesse peito um coração pulsava...
Sim, mil vezes maior que seu talento".

E assim por diante. Os versos não ultrapassam o mediocre. Estes, os que antecedem e os que seguem. O sentimento forçado gera a fria expressão dentro de uma metrificacão falha.

A elegia que a segue, catorze dias depois, já é bem melhor. Inicia com uma apóstrofe, fala de sua meninice, da perda do amigo, do desejo da morte a que invoca e chama, amaldiçoando a vida, em termos que lembram as imprecacões de Jó:

"— Oxalá, minha mãe, que no teu seio,
Mirrado houvesse o germe desditoso
Que entre cardos, espinhos, desabrocha!
Oxalá que teu leite qual veneno
Nas velas minhas, derramando a morte,
Estagnasse a fonte da existência!
Ó minha ama, por que não me deixaste
De teus braços cair na sepultura?
Que o sol desde que nasce até que morra
Vira o mundo um infeliz de menos!"

Neste elegia, é de se notar, Firmino desenvolve mais a autocomiseracão. A morte do amigo lhe desperta a ânsia de sua própria. A linguagem é apaixonada, o que já o distancia bastante da gélida consideracão, melo estólca, do mistério da morte e o aproxima, se já não o coloca, dentro da expressão nitidamente romântica.

A nênia, porém, cujos primeiros versos são a bela apóstrofe — "Niterói, Niterói, que é do sorriso" — traz como data de composicão o dia 15 de setembro de 1837. Foi escrita em São Paulo, mas só publicada quatro anos mais tarde, no dia 16 de março de 1841, no jornal carioca *O Brasil*, onde trabalhava Firmino como redator ao

lado do amigo e companheiro fiel por tantos e tormentosos anos, Justiniano José da Rocha, o fundador do jornal.

Vem de tradição antiquíssima o lamento dos mortos. Vem desde quando sobre o primeiro morto caíram as primeiras lágrimas e os primeiros gritos de dor. A arte poética amparou em suas estruturas essa natural e muitas vezes descontrolada expansão diante do irremediável. Não é de estranhar que em todas as épocas e em todas as literaturas tenha florescido esse tipo de poesia, bastando lembrar um dos mais belos exemplos, venerando pela antiguidade e origem, o pranto de Davi sobre a morte de Saul e Jônatas. Hoje ainda perdura nas orações fúnebres, nos panegíricos acadêmicos, nas palavras que, à beira dos túmulos se pronunciavam, nas notícias necrológicas dos jornais, nas reportagens mais ou menos sensacionalistas que se publicam sobre os mortos ilustres.

Não é de admirar tenha o canto fúnebre alcançado profusão tão ampla dentro do Romantismo, quando já o século XVIII tinha visto o re florescimento da poesia tumular. Ainda que nem sempre ocasionada pelo desaparecimento de um ser querido, ou de eminente personagem, mas bastantes vezes apenas originada pela consideração da morte, esta expressão literária vai encontrar na sensibilidade romântica profunda ressonância.

Diferentes nomes se deram às expressões poéticas de luto: elogia, epicéδιο, endeiça, pranto, epitáfio etc. que, no decorrer dos tempos, perdendo algumas o sentido único de chorar a morte, assumiram mais largo significado como simplesmente lamentar uma desgraça individual ou coletiva.

A indeterminação temática, acompanhou a indeterminação de estrutura. Apenas o que se exigia, para algumas dessas composições, é que fossem breves. Contrariando a norma clássica que prescrevia para a nênia, de origem latina, a concisão — pois que era recitada nas exéquias — e dando-lhe uma dignidade perdida entre os romanos, vamos encontrar na poesia romântica longos poemas assim genericamente intitulados. Poderíamos exemplificar com um de Gonçalves Dias, datado de 10 de janeiro de 1850, com cento e dez versos, chorando a morte do príncipe D. Pedro; com um epicéδιο de Laurindo Rabelo, de cento e noventa versos, à morte de José de Assis Alves Branco Moniz Barreto, ocorrida em Niterói, em 1853; e com outra nênia de Junqueira Freire, assinada a 15 de fevereiro de 1854, com nada menos de duzentos e setenta e quatro versos. O que se pode dizer é que, entre os românticos, houve a maior liberdade de metro, de forma estrófica, de extensão para os lamentos fúnebres e tanto lhes fazia nomeá-los de epicéδιο, nênia ou elegia ou mesmo de cântico, assim como fez Varela intitulando de "Cântico do Calvário" o pranto sobre a morte do filho.

O poema de Rodrigues Silva compõe-se de cento e sessenta e cinco decassílabos (menos um, o verso 99, trissílabo) brancos, heróicos e sáficos, graves (nenhum agudo, três proparoxítonos), distribuídos em onze blocos de quantidade variada de versos.

O canto fúnebre, originário da atitude comum do homem diante do fato da morte, baseia-se em estrutura bastante simples. Com poucas variações, pode-se reduzir aos seguintes elementos: apresentação do acontecimento, o pranto e o panegírico do morto. Ou como resume Eduardo Camacho Guizado: "A par de expressão de um estado de alma elementar do homem (o enfrentar-se com a morte), o poema funeral é fundamentalmente social, no sentido em que revela uma atitude humana diante de *outro*. Sempre é um poema 'à morte de'. Este fato condiciona de maneira definitiva sua estrutura e contribui de modo especial para que nos poemas se revelem ao mundo crenças, costumes, idéias da época, condição social do poeta e do morto, a concepção do mundo, da vida e da morte; todos estes fatores determinam o *signo* que possui a morte dos outros". (6)

Baseados nesses pontos elementares, comentemos o poema de Firmino, acompanhando os segmentos em que dividiu a nênia:

Segmento A (v. 1 ao v. 19) — A apresentação do acontecimento se faz através de uma bela prosopopéia: Niterói, de faces pálidas e olhos mortos, desfeita a coroa de flores, prostrada chora a morte do filho. A apóstrofe à cidade natal sob o nome de Niterói levou alguns autores a darem como nascidos na atual cidade de Niterói, e não no Rio de Janeiro, Francisco Bernardino Ribeiro e Firmino Rodrigues Silva. Em nossa poesia do princípio do século tornou-se lugar-comum chamar o Rio de Janeiro ou Guanabara de Niterói, talvez por um princípio indianista, quando se admite que os indígenas assim nomeassem a atual baía da Guanabara, a que os portugueses em 1502 já nomeraram de Rio de Janeiro.

Segmento B (v. 20 ao v. 26) — Estes versos introduzem o poeta no poema como personagem, participando do lamento materno: abrigara-se à sombra do amigo.

Segmento C (v. 27 ao v. 40) — Podemos subdividir estes catorze versos em três grupos. Primeiro grupo: visão positiva da morte. O mundo não era digno de possuir tão bela alma. Os anjos levam-na para o céu. Esta concepção cristã da morte em contraste com o conceito de desvalorização da terra e da vida humana é constante nos primeiros anos do Romantismo. Deve-se contar como um dos elementos primordiais de sua forma, a visão religiosa da vida. É de suas características proeminentes. Não vai desaparecer de todo na geração que lhe segue. Aflora com renovado viço em Varela (v. 27 ao 31a). Segundo grupo: o poeta se diz filho da mesma terra e amigo do morto (v. 31b ao v. 37) o que justifica o grupo terceiro em que pede se misturem às lágrimas maternas as suas de irmão e amigo (v. 37b ao v. 40).

Segmento D (v. 41 ao v. 70) — Inicia-se o lamento em forma indireta por que colocado nos lábios de Niterói. O poeta arma imponente cenário. A sua voz ergue-se da terra, onde estava prostrada, a figura de Niterói e de seu sofrimento participa a natureza: a brisa, o sol agonizante, a altura das montanhas e, finalmente, a lembrança bíblica da escrava Agar, símbolo comum no Romantismo da mãe infeliz.

Segmento E (v. 71 ao v. 79) — Após o lamento vem o panegírico. E, como é de norma, a partir da infância. Visão ideal da natureza: brisa, perfumes, palmeiras, rosas e campina. E a nota realista do "vímeo leito".

Segmento F (v. 80 ao v. 92) — O elogio de sua juventude aparece na beleza física (sol), no valor intelectual de poeta e sábio (mel), nas qualidades morais sintetizadas na inocência (açucena). Todos estes dons sublimam-se pela amabilidade não empanada pelo brilho do talento que lhe ilumina a fronte.

Segmento G (v. 93 ao v. 103) — Novo elemento do canto fúnebre. É a autocomiseração. O primeiro motivo é a perda do filho. Não acredita que a morte possa arrebatá-lo dos braços maternos. Mas o chamado da volta fica sem resposta.

Segmento H (v. 104 ao v. 114) — Segundo motivo de autocomiseração: a grandeza intelectual do morto. Na multidão de outros filhos não encontra aquele que procura. Note-se a mudança de estribilho. Antes chamando ao desaparecido como uma terna incriminação (vv. 70, 79, 92, 103), seu grito agora volta-se a Tupã, desta vez ainda não conotando queixa, mas simples interrogação a Deus como responsável pela perda sofrida. A queixa contém evidentemente uma velada censura.

Segmento I (v. 115 ao v. 126) — Como passa o tempo e não volta o fruto do seu amor, e aos gritos só lhe responde o eco, a invectiva à divindade torna-se clara.

Segmento J (v. 127 ao v. 143) — Estabelecida a certeza da morte, Niterói nega-se a presidir o coro das donzelas como princesa de suas alegres competições.

Segmento L (v. 144 ao v. 156) — A desesperança é completa. Passarão muitos séculos sem que antes surja um outro filho que venha substituir o morto. A natureza não responde às angústias da mãe.

Segmento M (v. 157 ao v. 165) — Inútil gritar. Inútil o apelo de socorro. A imprecação ao céu, sem resposta, continua na voz dos ventos, das ondas e das montanhas. É a única forma que a natureza encontra para participar das dores da mãe: repetir com as vozes do eco, que pouco a pouco se apagam, a angustiosa pergunta aos céus.

Esta breve introdução ao texto evidencia elementos empregados por Firmino, clássicos e nativos, e tanto uns como outros não patentelam maior originalidade. Difusos na linguagem do tempo, acusam antes a indeterminação de um estilo ainda imperfeitamente aceito e elaborado na pureza de seus elementos expressivos.

O aspecto clássico está menos em algumas conotações que na estrutura mesma do poema. A apresentação do assunto, aqui de forma ex-abrupta, segue obediente às normas da retórica que faz seguir à comisseração o lamento e ao lamento o panegírico. O panegírico tira, por sua vez, de motivos internos e externos as razões do louvor.

Poderíamos admitir como revelador do espírito nacionalista o pranto sobre um morto, que tanto prometia para a glória da pátria apenas encetando o caminho livre entre as nações. Mas, aqui também se percebe um recurso generalizado entre os cantos fúnebres. E especificamente em nosso caso, note-se que não entra o elemento social familiar. A ele se sobrepõe, em menor escala, o amigo e, quase que único, o pátrio. Mas os elementos reveladores de crenças, usos, idéias do tempo, a expressão, enfim, do momento, que aparecem em bom número, podem ser considerados realmente brasileiros.

Não vemos como louvar a *Nênia* naquela marca indianista, tão apregoada pelos contemporâneos e em que parece ter-se estagnado o seu maior louvor. Haveremos de ver, mais tarde, as características deste indianismo. Nem nos devemos apegar apenas à simples figura da índia. Ainda que bastante feliz, não se pode considerar esta antropomorfização inédita nem sequer rara. Teríamos mais que nos fixar na patética linguagem que busca, dentro da natureza circundante, a sua forma expressiva. É a presença desta natureza em sua flora, em sua fauna, em suas montanhas especificamente nomeadas, já como figuras integrantes da expressão e não meramente como curiosidades exóticas, que imprime a este poema o cunho de brasilidade, ou de americanismo, como os românticos gostavam de dizer.

A *Nênia* teve maior fortuna do que poderia imaginar a ironia de Alcântara Machado. Três anos depois de publicada em *O Brasil*, a revista *Minerva Brasileira* (1844) a transcreve com fidelidade bastante conscienciosa. Transcorridos quatro anos, João Manuel Pereira da Silva a insere no tomo segundo de seu *Parnaso brasileiro* (1848) também com zeloso cuidado, o que não impede entretanto de transcrever um verso. Passam trinta e dois anos e (Alexandre José de) Melo Moraes Filho publica no *Curso de Literatura brasileira* (1880) o poema de Firmino desfalcando-o de trinta e sete versos. Um ano depois, cópia de Melo Moraes Filho a *nênia* assim desfigurada Paulo Antônio do Vale em o *Parnaso acadêmico paulistano* (1881). Melo Moraes Filho divulga de novo a *nênia*, ainda deformada, em o *Parnaso brasileiro* (1885). Finalmente, Silvío Romero regressa à leitura de a *Minerva Brasileira* e a *nênia* rea-

parece na *História da Literatura brasileira* (1888). Estas são, em número de sels, as edições do século XIX.

Dentro de nosso século, retoma a truncada cópia de Melo Moraes (José Carlos de) Ataliba Nogueira em *Tradições e reminiscências*, 8ª série, 1910. Em 1918 Eugênio Werneck sai com sua *Antologia brasileira* de tão ampla divulgação. A edição que lemos é a 11ª, de 1926. Eugênio Werneck toma o texto integral, com certeza baseando-se em Sílvio Romero. Com prefácio datado de 1937 aparece a *História do Romantismo*, de Haroldo Paranhos, que rouba à nênia quarenta e sete versos. Imperdoável, Edgard Cavalheiro volta à transcrição de Melo Moraes Filho no *Panorama da poesia brasileira*, (v. 2, *O Romantismo*) (1959) e Nelson Lage Mascarenhas, quando escreve a biografia de Firmino, *Um jornalista do Império* (1961), condenando a versofagia de Melo Moraes Filho, diz ser a sua uma "reprodução exata da poesia publicada pela primeira vez no Brasil, no dia 16 de março de 1841". O que não é verdade. Fora as muitas incorreções, o biógrafo do poeta parlamentar tira à nênia nada menos de doze versos, o que é demais para quem procurou voltar à primeira edição. Péricles Eugênio da Silva Ramos faz justiça a Firmino R. Silva procurando na *Minerva Brasileira* o melhor texto e publicando-o em sua *Antologia da poesia romântica* (1965). A essas edições em português, devemos acrescentar a tradução espanhola de Angel Crespo, estampada na *Revista de cultura brasileira*, tomo X, de março de 1970. Entre 1910 e 1970 a nênia foi publicada sete vezes.

Além dessas transcrições, cumpre lembrar duas intencionalmente em fragmentos: a de Olavo Bilac-Gulmarães Passos no *Tratado de versificação* (1910) ilustrando com os quarenta versos iniciais a espécie lírica do cântico fúnebre, e a de Spencer Vampré em *Memórias para a história da Academia* (1924), contentando-se com os primeiros quinze versos.

Em suma, no espaço de cento e vinte e quatro anos a nênia de Firmino Rodrigues Silva, sem contar as reedições das obras de Melo Moraes Filho, de Sílvio Romero e de Eugênio Werneck, foi reeditada treze vezes. Quer dizer que, mais ou menos de dez em dez anos, divulgou-se este poema levando juntamente com o nome de Firmino o de Bernardino Ribeiro. Se de um lado pode gabar-se a obra de sua boa fortuna, malgrado os desmandos de alguns que não somente lhe roubaram versos, ou os modificaram, de outro lado torna-se pouco explicável o quase nenhum conhecimento que dela se tem a sua ausência numa antologia tão importante como a de Manuel Bandeira.

Quantos trataram da *Nênia*, no decorrer destes muitos anos, são todos unânimes em reconhecer-lhe a indiscutível beleza e em tomá-la como um instante que marca, em nossa poesia, o melhor texto poético antes de Gonçalves Dias, chegando mesmo a formar imitadores.

Se a linha indianista de que proclamam Firmino Rodrigues Silva o iniciador teve quem a seguisse, como declaradamente se lê no Barão de Paranapiacaba, ela também está por demais visível no único poema que se conhece de Antônio Lopes de Oliveira Araújo, recolhido por Paulo Antônio do Vale. A poesia de Firmino chega mesmo a servir de referência, ou de comparação, como no caso de Araújo Porto-Alegre quando escreve a sua crítica ao livro *Os hinos de minha alma*, do sergipano Constantino José Gomes de Sousa (1827-1875). Neste infeliz poeta a quem o título de médico não impediu morresse na maior miséria, é verdade que se percebem indícios da leitura de Firmino como nestes versos: "Que horrisono rugir já se ouve ao longe, / E pouco a pouco vem se aproximando" ("A Tempestade", p. 137), e em "Como o condor do píncaro dos Andes, / Co'a fronte altiva devassando as nuvens" ("O vate", p. 147). Mas, há também ressonâncias de Basílio da Gama e de Camões, ecos de leitura muito mais que influência numa poesia que não chegou a amadurecer.

Não se levando em conta este possível e decantado influxo, a *Nênia* permanece em sua isolada grandeza e procuramos agora fazê-la voltar a público retomando a lição de 1841, limpando-a daquelas múltiplas transformações por que veio passando através desses cento e tantos anos. Reproduzimos o texto em edição diplomática acompanhado pelas diferentes leituras. Atualizamos a ortografia de seus divulgadores. E para maior facilidade no confronto dos textos, usaremos das seguintes siglas:

- MB — *Minerva Brasiliense*, 17 de julho de 1844, p. 558-560;
- PS — João Manuel Pereira da Silva — *Parnaso brasileiro*, tomo II, século XIX, Rio de Janeiro, 1848, p. 193-199;
- MM1 — Melo Moraes Filho — *Curso de literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Garnier, 2ª ed., 1882, p. 406-408;
- PAV — Paulo Antônio de Vale — *Parnaso acadêmico paulistano*, São Paulo, Tip. do Correio Paulistano, 1881, p. (65)-68;
- MM2 — Melo Moraes Filho — *Parnaso brasileiro*, Rio de Janeiro, Garnier, 1885, p. 150-154;
- SR — Sílvio Romero — *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Garnier, 1888, v. 2, p. 517-520;
- AN — Almeida Nogueira — *Tradições e reminiscências*, 8ª série, São Paulo, 1910, p. 11-14;
- OB-GP — Olavo Bilac-Guilmarães Passos — *Tratado de versificação*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1910;
- SV — Spencer Vampré — *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, São Paulo, Saraiva, v. 1., p. 250;
- EW — Eugênio Werneck — *Antologia brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 11ª ed., 1926, p. 572-576;
- HP — Haroldo Paranhos — *História do Romantismo no Brasil*, São Paulo, Cultura Brasileira, (1937), v. 1., p. 490-494;
- EC — Edgard Cavalheiro — *Panorama da poesia brasileira*, São Paulo, Civilização Brasileira, v. 2. O Romantismo, (1959), p. 32-35;
- NLM — Nelson Lage Mascarenhas — *Um jornalista do Império* (Firmino Rodrigues Silva), São Paulo, Editora Nacional, 1961, p. 441-445;
- PE — Péricles Eugênio da Silva Ramos — *Antologia da poesia romântica*, São Paulo, Melhoramentos, (1965), p. 46-51.

Nenia,

à morte do meu amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro (a).

Oh! lyra triste minha,
Pelo prazer outr'ora abandonada
Ao sibillo dos ventos na palmeira,

As chordas tuas vibrarei saudoso
Até que a última estale.
E o último suspiro da harmonia
A flor dos lábios sussurrando expire.

Do Autor (b).

- Nitheroy, Nitheroy, que é do sorriso
Donoso da ventura que teus lábios
Outr'ora enfeitava? Cór de jambo
Pelo sol d'estes ceos enrubecido
5. Já não são tuas faces, nem teus olhos
Lampejam de alegria — Que é a c'roa
De madreilva, de cecens e rosas
Que a fronte engrinaldava — Ell —a de rojo
Trespasada de pranto, e as flores murchas
10. Mirradas pelo sopro do infortunio.
Uns als tão doloridos, tão magoados
Quaes só podem gemer dores maternas
Deshumanos pungindo os selos d'alma
Franzem-te os lábios co'o sorrir d'angustia.
15. De teus formosos olhos se desatam
Dous arroyos de lágrimas; — tu choras,
Desventurada mãe, a perda infausta
Do teu filho teu amado, e que outro filho
Mals sincero chorar ha merecido?
20. Da noite o furacão prostrou tremendo
Audaz jequitibá que inda na infancia
Co'a clima excelsa devassava os ceos!
— Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nado auri-tingido
25. Inda sepulta em trevas a floresta!
Eu o vi, e azilou-me a sua sombra.
Honra do valle,* inveja das montanhas,
Para que no Eden fosses transplantado
Cublicosos os anjos te roubaram;
30. Que no valle das lagrimas não vinga
Planta que é do céu. — Foi em teu seio
Que tambem, Nitheroy, meus olhos viram
Pela primeira vez a cór dos bosques
E o azul dos céos e o verde mar das agoas;
35. Tambem sou filho teu, oh! minha patria,
E o melhor dos amigos hei perdido,
Da minha guarda o anjo... eia deixemos
Amargurado pranto deslizar-se
Por faces onde o riso só folgara;
40. Que elle mitigue dôr que não tem cura!
- Eu disse; — e magestosa e bella ergueu-se
A princeza do valle... eil-a que os olhos
Crava nos céos e aos céos as mãos levanta;
De tanta desventura enternecida

(*) Alude-se à posição topographica da cidade do Rio de Janeiro.

45. A viração da tarde parecia
Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,
As lusidas tranças esparzindo-lhe
Pelo moreno collo tão formoso,
O sol ja descambava p'ra o occidente
50. E em cima das montanhas semelhando
Um cirio acceso pela mão dos seculos
A frente illuminava-lhe: — dirleis
Que da maternidade o genio augusto,
Ante do Eterno as aras magestosas,
55. Que a natureza por si mesmo erguêra,
Sobrepondo a montanhas altos serros,
Lenitivo a seus males implorava.
— Oh! que mais lhe restava no infortunio,
Senão volver p'ra o céu olhos maternos,
60. Para o céu, derradeiro, unico abrigo
Onde a esperança de vê-lo se acoitava?
Mals infeliz que Agar no deserto,
Nem ao menos podia consolal-a
Um magico lampejo de esperança,
65. Nem ao menos dizer entre suspiros,
Lagrimas: — Não verei morrer meu filho.
Ralado o peito de amarguras cento
Ouvl que ella dizia:
— Oh! meu filho,
Entre milhares filho o mais presado,
70. Oh! meu anjo, porque me abandonaste?
Ainda hontem pendente do meu seio
Com sorrisos aos beijos respondias
Que amor de mãe nos labios te arroyava.
De mil aromas perfumada a brisa
75. Embalava teu berço na palmeira,
E as rosas das campinas desfolhavam-se
Porque teu vimeo leito amaciassem;
Oh! de meus filhos, filho o mais presado,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?!
80. Ao donoso raiar da juventude
Vi-o mais bello do que o sol de julho
Que, desfeita a neblina, alto resplende!
De loiro mel os labios borrifou-lhe
Mimoso Jatahy; — branca açucena
Mais candida não era que seu peito
Puro como os desejos da innocencia!
Ingenua sympathia lhe esparzira
Um não sei que de amavel no semblante
Que vê-lo era prezal-o; — a frente augusta
90. Trahia o genio que alma lhe incendia....
Oh! de meus filhos ufanía e gloria,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?!
- E nunca mais o verei? meu Deus, a morte
Póde dos braços arrancar maternos

95. O filho amado?... nunca, mas que é d'elle
Que é feito do condor que o vóo ardido
Arrojava por cima d'esses Andes?
Dos céos nas sendas transviou-se acaso?
..... Ai! quão triste,
100. Quão sozinha deixou-me na floresta
Gemendo de saudade! Vem, meu filho,
Consolo de meus males, minha esperança;
Oh! meu anjo, porque me abandonaste? —
- Tal como o rouco som de rotas vagas
105. Que contra as penedias bramam furias
Confuso borbórinho ao longe echoa
De gente que aproxima: — Eil-os, meus filhos,
Seus semblantes são pallidos, o genio
Lampeja nos seus olhos scintillantes
110. Marchae avante, prole de esperança,
Á gloria, á gloria que o futuro é nosso.... —
Mas que é d'elle? não vae na vossa frente....
Oh! que é feito do rei da mocidade,
Tupá, Tupá, ó numen de meus pais?
115. Qual magestoso Chimborazo esbelta
Alcantillado collo d'entre os picos
Dos desvalrados Andes, ó meu filho,
Em meio d'essas turmas avultavas.
Inda altaneiro affronta o rei dos montes
120. Da tempestade as furias que eu embalde
Por deshumanos valles, bosques, grutas
Desprançada te busco e só responde
Rouca voz do deserto aos meus clamores
Que vae echo no valle reboando.
125. Oh! sol brilhante, ó numem de meus pais,
Oh! Tupá, oh! Tupá, que mal te hei feito?
Não guiarei a turma das donzellas
Quando choréas rapidas tecendo
Por princeza dos jogos me acclamarem.
130. — Minhas irmãs, eu lhes direi, deixal-me
Na soldão lamentar minhas desgraças;
Sem dó, nem compaixão roubou-me a morte
Do meu cocar a penna mais mimosa,
A jola peregrina de meu cintó,
135. O lirio mais formoso das campinas,
O lume de meus olhos! — oh! meu filho,
Inda canta a Araponga, e o rio volve
Na rulva aréa a lobrega corrente,
Inda retouca a laranjeira a coma
140. Verdenegra de flores alvejantes
E tu já não existes!! — Sol brilhante,
Numem de meus pais, que é do meu filho?
Oh! Tupá, oh! Tupá que mal te hei feito?

- Primeiro volverão sec'los e seculos
145. Que outra palmeira tão gentil se ostente
N'estas florestas altas, gigantescas!
A tempestade se erguerá bramindo
N'essa dos Orgãos serraania immensa,
E, ai de mim! não terel onde azilar-me!

150. Nas brenhas silvarão mosqueadas serpes,
E, ai de mim! não terel quem me defenda!...
..... Como estalaram tantas esperanças
Em um momento de dor? — Ela dizel-m'o,
Erguidas serras, broncas penedias...

155. Oh! numem de meus pais, oh! sol brilhante,
Oh! Tupá, oh! Tupá, que mal te hel feito? —

Não pôde mais dizer... por d'entre as mattas
Como um sonho ligeira a vi sumir-se.
E o ouco som das vagas nos cachopos,

160. E o sibillo dos ventos nas florestas,
E o echo dos valles das montanhas,
A modo qu'em um côro magestoso
Inda as ultimas quelxas repetiam
— Oh! numem de meus pais, oh! sol brilhante,
165. Oh! Tupá, oh! Tupá, que mal te hel feito? —

S. Paulo, 15 de setembro de 1837.

F.R.S. (c)

- (a) MB . *Nênia, ao meu bom amigo o dr. Francisco Bernardino Ribeiro.*
 PS . *Nênia a F. B. Ribeiro.*
 MM1, 2; AN, EW; EC, NLM — *Nênia.*
 PAV . *Nênia à morte do dr. Francisco Bernardino Ribeiro.*
 PE . *Nênia, ao meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro.*
 HP, SR, OB-GP, SV . eliminam o título.
- (b) NLM — *Ao sibilo dos ventos nas palmeiras.*
 MB, NLM, PE . *A flor dos lábios sussurrando expre. Os demais eliminam a epígrafe.*
1. PS . *Niterói, Niterói! Que é do sorriso.*
 OB-GP, EW . *Niterói, Niterói! que é do sorriso.*
 SV . *Niterói, Niterói, que é do sorriso,*
 2. MB, PS, MM, 2, PAV, OB-GP, HP, SR . *Donoso da ventura, que teus lábios.*
 MM1, AN, SV, EC, NLM, PE . *Donoso de ventura, que teus lábios*
 3. PS, OB-GP, EW . *Outrora enfeitçava? — Cor de jambo*
 MM1, 2, SR, SV, HP . *Outrora enfeitçava? Cor de jambo,*
 4. PS . *Pelo sol destes Céus enrubescido*
 MM1, 2, SR, OB-GP, EV, EW, HP . *Pelo sol destes céus enrubecido,*
 NLM . *Pelo sol destes céus enrubecidas*
 5. MM1, 2, PAV, AN, EC . *Já não são tuas faces; nem teus olhos*
 SV . *Não, não são tuas faces; nem teus olhos*
 6. MM1, 2, PAV, AN, EC, PE . *Lampejam de alegria. — Que é da c'roa*
 SR, OB-GP, EW, HP . *Lampejam de alegria. Que é da c'roa*
 SV . *Lampejam de alegria! Que é da coroa*
 7. MB, PS, MM1, 2, PAV, AN, SR, OB-GP, EC, PE . *De madressilva, de cécens e rosas,*
 SV . *De madressilvas, de cecéns, e rosas,*
 HP . *De Madressilvas, de cecéns e rosas,*
 8. SR, OB-GP, HP . *Que a fronte engrinaldava? Ei-la de rojo*
 SV, EW . *Que a fronte engrinaldava? Ei-la de rojo*
 9. MM1, 2 . *Traspasada de pranto, e as flores murchas*
 PAV, SV . *Trespasada de pranto, e as flores murchas,*
 HP . *Trepasada de pranto e as flores murchas*
 EW . *Trespasado de pranto, e as flores murchas*
 10. MM1, 2, PAV, AN, EW, EC . *Mirradas pelo sopro do infortúnio...*
 SV . *Mirradas pelo sopro do infortúnio!...*
 HP . *Mirradas pelo sopro do infortúnio,*
 11. Falta em MM1, 2, PAV, AN, SV, EC; SR, OB-GP, EW, HP . *Uns ais tão doloridos, tão magoados,*
 12. MB, SR, OB-GP, EW, PE . *Quais só podem gemer dores maternas,*
 HP . *Quais só podem gemer dores maternals*
 Falta em MM1, 2, PAV, AN, SV, EC
 13. MB, PS, HP, PE . *Desumanos pungindo os seios d'alma,*
 SR, OB-GP, EW . *Desumanas pungindo os seios d'alma,*
 Falta em MM1, 2, PAV, AN, SV, EC
 14. EW, OB-GP . *Franzem-te os lábios coo sorrir d'angústias*
 HP . *Franzem-te os lábios, coo sorrir de angústias,*
 SR . *Franzem-te os lábios coo sorrir d'angústias*
 Falta em MM2, PAV, AN, EC
 15. Somente MB e NLM conservam o travessão inicial
 16. MM1, 2, SR, SV, HP . *Dois arrols de lágrimas; tu choras*
 OB-GP, EW . *Dois arrols de lágrimas: tu choras*

18. MM1 . Do filho teu amado: e que outro filho
MM2, PAV, AN, OB-GP, SV, EW, EC . Do filho teu amado; e que outro filho
19. MM1, 2, PAV, AN, EC . Mais sincero chorar há merecido?!
SV . Mais sincero chorar há merecido?!...
21. MB, PS, MM1, PAV, SR, AN, OB-GP, EW, HP, PE . Audaz jequitibá, que lnda
na infância
MM2, EC . Audaz jequitibá, que ainda na infância
22. PS . Co'a cima excelsa devassava os Céus!
SR, OB-GP, EW, HP . Coa cima excelsa devassava as nuvens!
MM2 . Coa cima excelsa devassa os céus!
NLM . Coa coma excelsa devassa os céus!
23. SR, OB-GP, EW, HP . Eu o vi pelos raios matutinos
24. MB, PS, SR, OB-GP, EW, HP, PE . Do sol apenas nado auritingido,
MM1 . Do sol, apenas nado, auritingido,
PAV, AN . Do sol apenas nado, auritingido,
MM2, EC . Do sol apenas nado, auritingido
26. PAV, SR, HP. Eu o vi, e asilou-me a sua sombra...
OB-GP, EW . Eu o vi e asilou-me a sua sombra...
27. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC; HP . Honra do vale, inveja das montanhas
A nota do A. é reproduzida apenas por MB e PE.
28. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, EW . Para que no Éden fosse transplantado,
NLM . Para que no Éden fosse transplantado;
29. PS . Cobiçosos os Anjos te roubaram; Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC.
30. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC.
31. PS . Planta que é do Céu — Foi em teu seio,
SR, EW, HP . Planta que é do céu. Foi em teu seio
OB-GP . A planta que é do céu. Foi em teu seio
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC.
32. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, EW . Que também, Niterói meus olhos viram
HP . Que também Niterói, meus olhos viram
33. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC.
SR, OB-GP, EW, HP . Pela primeira vez a cor dos bosques,
34. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC.
MB . E o azul dos céus e o verde-mar das águas;
PS . E o azul dos Céus, e o verde-mar das águas;
OB-GP . E o azul dos céus e o verde-mar das águas...
HP . E o azul dos céus, e o verde-mar das águas;
35. MB, HP, EC . Também sou filho teu, oh minha pátria,
PS . Também sou filho teu, ó minha Pátria,
OB-GP . Também sou filho teu, ó minha pátria,
EW . Também sou filho teu Oh! minha pátria,
EC . Também sou filho teu, oh minha pátria,
PE . Também sou filho teu, ó minha pátria,
MM2, PAV . Também sou filho teu, oh minha pátria
36. PS . E o melhor dos amigos hei perdido
37. MB, PS, PAV, SR, EW, HP, NLM, PE . Da minha guarda o anjo... eia, deixemos
MM1, AN . Da minha guarda o anjo... Eia, deixemos
OB-GP . Da minha guarda o anjo... Eia! deixemos
39. MB, PS, EW . Por faces onde o riso só folgara:
MM1, 2, PAV, AN, EC . Por faces, onde o riso só folgara:
SR . Por faces onde o riso só folgara:
OB-GP . Por faces onde o riso só folgara...
HP . Por faces onde o riso só folgara:
PE . Por faces onde o riso só folgara:

40. PS . Que ele mitigue dor, que não tem cura!
41. PS . Eu disse, e — majestosa e bela ergueu-se
PAV, HP, PE . Eu disse; e majestosa e bela ergueu-se
SR . Eu disse, e majestosa e bela ergueu-se
EW . Eu disse: e majestosa e bela ergueu-se
42. MM1, 2, PAV, AN, EC . A princesa do vale... El-la que os olhos
43. PS . Crava nos Céus, e aos Céus as mãos levanta
MM1, 2, PAV, AN, EC, PE . Crava nos céus, e aos céus as mãos levanta;
NLM . Crava nos céus, as mãos levanta;
44. MM1 . De tanta desventura enternecida,
47. MM1, SR, EW . As luzidias tranças espargindo-lhe
48. EW . Pelo moreno colo tão formoso,
SR, HP, PE . Pelo moreno colo tão formoso;
NLM . Pelo moreno colo tão formoso.
49. MB, MM1, 2, PAV, AN, SR, HP, EC, PE . O sol já descambava pra o ocidente,
PS . O sol já descambava pra o Ocidente.
EW . O sol já descambava pra o Ocidente.
NLM . O sol já descambava p'ra o ocidente
50. MM1, PAV, EW, HP . E em cima das montanhas, semelhando
51. MM1 . Um cirlo aceso pela mão dos séc'los,
PAV, EW . Um cirlo aceso pela mão dos séculos,
52. SR . A fronte iluminava-lhe: diriéis
EW, EC . A fronte iluminava-lhe; direis
HP . A fronte iluminava-lhe; diriéis
53. HP . Que de maternidade o gênio augusto,
54. MM1 . Ante do Eterno, as aras majestosas,
MM2, AN, EC . Ante do Eterno as aras majestosas
PAV . Ante o Eterno as aras majestosas
HP . Antes do Eterno as asas majestosas,
55. PS, MM1, 2, SR, AN, EW, PE . Que a natureza p orsi mesma erguera,
56. MM2, PAV . Sobrepondo à montanhas altos serros.
EC . Sobrepondo à montanha altos serros,
HP . Sobrepondo as montanhas altas serras,
57. PS . Lenitivo a seus males implorava...
MM2, PAV . Lenitivo à seus males implorava.
58. PS . Oh! que mais lhe restava no infortúnio,
MM1 . Oh! que mais lhe restava no infortúnio
EW elimina este verso
59. PS . Senão volver p'ra o Céu olhos maternos,
MM1 . Senão volver p'ra o céu olhos maternos
PAV . Se não volver pra o céu olhos maternos,
EW elimina este verso,
Falta em HP
60. PS . Para o Céu, derradeiro, único abrigo,
MM1, 2, PAV, EC . Para o céu, derradeiro, único abrigo,
AN . Para o céu derradeiro, único abrigo,
EW . Para o céu, derradeiro, único abrigo
HP . elimina este verso
61. MM1 . Onde a esp'rança de ve-lo se acoutava? —
MM2, PAV, AN, EC . Onde a esp'rança de ve-lo se acoitava? —
SR . Onde a esp'rança de ve-lo se acoitava!
Falta em EW e HP

62. PS . Mais infeliz do que Agar no deserto,
SR, EW . Mais infeliz que Agar pelo deserto,
Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC
63. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, HP.
64. Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC.
EW . Um mágico lampejo de esperança
65. Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC.
66. PS . Lágrimas: — Não verel morrer meu filho;
SR, PE . Lágrimas: — Não verel morrer meu filho...
EW . Lágrimas: Não verel meu filho...
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, HP.
67. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC.
SR, EW, HP, PE . Ralado o peito de amarguras cento,
NLM . Ralado o peito de amarguras certo
68. MM1, 2, PAV, AN, EC . Ouvi que ela dizia — "—Oh! meu filho,
NLM . Ouvi que ela dizia: — ó meu filho,
69. MM1, 2, PAV, AN . Entre milhares, filho o mais prezado;
EW . Entre milhares, filho o mais prezado,
EC . Entre milhares filho o mais prezado;
SR, HP . Entre milhares, filho mais prezado,
70. PS, NLM . Ó meu anjo, por que me abandonaste?
EW . Oh! meu anjo por que me abandonaste?
PE . Oh! meu anjo, por que me abandonaste?!
71. MM1 . Ainda ontem, pendente de meu seio,
EW . Ainda ontem pendente de meu seio,
PS . Ainda ontem pendente do meu seio
SR . Ainda ontem pendente de meio seio
72. PS . Com sorriso aos beijos respondias
MM1 . Com sorrisos aos beijos respondias,
73. AN . Que amor de mãe nos lábios te arrolava,
EW, HP . Que amor de mãe nos lábios te arrojava.
74. HP . De mil amores perfumada a brisa
76. EW . E as rosas das campinas desfolhavam-se
SR, PE . E as rosas das campinas desfolhavam-se,
77. MM1, 2, PAV, EC . Por que teu vimeo leito amaçassem:
78. PS . Ó de meus filhos, filho o mais prezado!
MM1, 2, AN, EC . Oh! de meus filhos, filho o mais prezado;
SR, HP . Ó de meus filhos, filho mais prezado,
EW . Ó de meus filhos, o filho mais prezado,
NLM . Ó de meus filhos, filho o mais prezado,
PAV . Oh! de meus filhos, o filho mais prezado;
79. PS, SR . Ó meu anjo, por que me abandonaste?
MM1, 2, PAV, AN, EC, PE . Oh! meu anjo, por que me abandonaste?!...
EW . Oh! meu anjo, por que me abandonaste?!...
HP . Oh! meu anjo por que me abandonaste?
80. Falta em HP
81. PS . Vi-o mais belo do que o sol de Julho
MM1, AN, SR, EW, EC, PE . Vi-o mais belo do que o sol de julho,
MM2, PAV . Vi-o mais belo do que o sol de Julho
Falta em HP
82. PS . Que, desfeita a neblina, alto responde!
PAV . Que desfeita a neblina, alto resplende!
Falta em HP
NLM . Que, desfeita a neblina, alto resplende!

83. MM1, 2, PAV, AN, EC . De louro mel os lábios borrifou-lhe
Falta em HP
84. MM1, 2, PAV, AN, EC . Mimosa jataí; branca açucena
SR, PE . Mimosa jataí; branca açucena
EW . Mimoso jataí; branca açucena
NLM . Mimosa jataí; branca açucena,
Falta em HP
85. MB, PS, SR, EW, PE . Mais cândida não era que seu peito,
MM1 . Mais cândida não era que seu peito —
MM2, PAV, AN, EC . Mais cândida não era que seu peito, —
Falta em HP
86. Falta em HP
87. MM1 . Ingênua simpatia lhe espargira
Falta em HP
88. PS, MM1, 2, PAV, AN, SR, EW, EC, NLM, PE . Um não sei que de amável no
semblante,
Falta em HP
89. SR, EW . Que ve-lo era prezá-lo; a fronte augusta
AN . Que vê-lo era prezá-lo; a fonte augusta
Falta em HP
90. MM1, 2, PAV, AN, EC . Traía o gênio que alma lhe acendia...
Falta em HP
91. PS, SR, NLM . Ó de meus filhos ufanía e glória,
PAV . Ó de meus filhos, ufanía e glória,
Falta em HP
92. PS . Ó meu anjo, por que me abandonaste?
MM1, 2, PAV, AN, EC . Oh! meu anjo, por que me abandonaste? —
SR, EW . Oh! meu anjo, por que me abandonaste!?
NLM . Ó meu anjo, por que me abandonaste?!
PE . Oh! meu anjo, por que me abandonaste?
Falta em HP
93. PS, NLM . E nunca mais o verei? Meu Deus, a morte
SR . Nunca mais o verei? meu Deus, a morte
EW . Nunca mais o verei?... meu Deus, a morte
Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC
94. Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC
95. MB, PE . O filho amado? ... nunca; mas que é dele
PS . O filho amado? — Nunca; mas que é dele
NLM . O filho amado? ... Nunca, mas que é dele
SR, EW . O filho amado? ... nunca; mas que é dele,
Falta em MM1, 2, PAV, HP, EC, AN.
96. PS . Que é feito de condor, que o vôo ardido
Falta em HP
97. SR, EW . Arrojava por cima destes Andes?
Falta em HP
98. PS . Dos Céus nas sendas transviou-se acaso?
Falta em HP
99. EW . Ai! Quão triste
HP, NLM . Ai! quão triste
100. Todos colocam vírgula depois de *floresta*
101. EW . Gemendo de saudade?!... Vem, meu filho
SR, HP . Gemendo de saudade!... Vem, meu filho,
102. PS . Consolo de meus males, minha esp'rança!

103. PS, NLM . Ó meu anjo, por que me abandonaste?
 EW . Oh! meu anjo, por que me abandonaste?! ...
 HP . Oh! meu anjo por que me abandonaste?
 PE . Oh! meu anjo, por que me abandonaste?
104. MM1, EW, NLM . Tal como o rouco som de rotas vagas.
 PS . Tal como o rouco som das rotas vagas,
105. Fora MB, os demais colocam vírgula depois de *fúrias*
106. EC, PE . Confuso burburinho ao longe ecoa
107. MM1 . De gente que aproxima: — Ei-los — meus filhos!
 SR . De gente que aproxima: Ei-los meus filhos,
 EW, HP . De gente que aproxima: Ei-los, meus filhos,
 NLM . De gente que aproxima. Ei-los, meus filhos,
 EC . De Gente que aproxima: — Ei-los — meus filhos, —
 PAV, AN . De gente que aproxima: — “Ei-los — meus filhos, —
108. MM1, 2, PAV, AN, EW, EC . Seus semblantes são pálidos; o gênio
109. MB, PS, SR, EW, NLM, PE . Lampeja nos seus olhos cintilantes.
 MM1 2, PAV, AN, EC . Lampeja nos seus olhos cintilantes!
 HP . Lampeja nos seus olhos cintilantes
110. HP . Marchai avante, prole de esperança
 PE . Marchai avante, prole de esperança, Sacramento Blake, v. 2, p. 409,
 cita este e os três seguintes versos, eliminando o travessão inicial e colocando,
 depois da palavra *mocidade*, v. 113, o sinal de interrogação seguido de reticência.
111. PS . A glória, á glória, que o futuro é vosso...
 MM1, PAV, AN, EC . A glória, à glória, que o futuro é nosso...
 SR, HP, PE . A glória, à glória que o futuro é nosso...
 EW, NLM . A glória, à glória, que o futuro é nosso...
112. PS, SR . Mas que é dele? Não vai na vossa frente...
 MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM . Mas que é dele? Não vai na vossa frente!
 HP . Mas que é dele? não vai na nossa frente? ...
113. SR . Oh! que é feito do rei da mocidade?...
114. PS . Tupá, Tupá, ó Numem de meus Pais?
 MM1, 2, AN, EC . Tupá, Tupá, oh! numem de meus pais!
 PAV . Tupá, Tupá, oh numem de meus pais!”
 EW . Tupa, tupá, ó numem de meus pais!
 HP . Tupá, Tupá ó numem de meus pais
 NLM . Tupá, Tupá, que mal te hei feito?
115. MB . Qual majestoso Chimborazo esbelto.
 MM1, SR, EW, HP . Qual majestoso Chimborazo esbelto,
 MM2, PAV, EC . Qual majestoso Chimborazo, esbelto
 AN . Qual majestoso Chimborazo, esbelto,
 NLM elimina este verso.
116. MM2, EW, HP, PE . Alcantilado colo dentre os picos
 NLM elimina
117. MM1, 2, PAV, SR, AN, EW, HP, EC . Dos desvairados Andes, oh! meu filho
 NLM elimina
118. PS . Em meio destas turmas avultavas.
 MM1, 2, PAV, AN, EC . Em meio dessas turmas avultavas! —
 EW, PE . Em meio dessas turmas avultavas!
 NLM elimina
119. PS . Inda altaneiro afronta o Rei dos Montes
 Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM

120. PS . Da tempestade as fúrias, que eu embalde
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM.
121. EW . Por desumanos bosques, vales, grutas,
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM
122. MB, PS, SR, EW, HP, PE . Des'prancada te busco, e só responde
123. MB, PS, SR, EW, HP, PE . Rouca voz do deserto aos meus clamores,
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM
124. MB, PE . Que val Eco no vale reboando
SR, EW . Que val ecos no vale reboando...
HP . Que val ecos no vale reboando.
Falta em MM1, 2, PAV, AN, NLM, EC
125. MB, HP, PE . Ó nume de meus pais,
PS . Ó sol brilhante, ó Nume de meus pais,
EW . Ó sol brilhante, ó nume de meus pais,
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM
126. MB, SR, EW, HP . Ó Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
PS . Ó Tupá! Ó Tupá, que mal te hei feito?
MM1 . Oh Tupá! oh Tupá! que mal te hei feito!
MM2, PAV, AN, EC . Oh Tupá, oh Tupá, que mal te hei feito!
PE . Ó Tupá! ó Tupá, que mal te hei feito?
Falta em NLM
127. PS, MM1, SR, EW, NLM, PE . Não guiarei a turma das donzelas,
Falta em HP
128. PS, SR . Quando coreas rápidas tecendo,
MM1 . Quando, coreas rápidas tecendo,
NLM . Quando coréias rápidas tecendo
Falta em HP
129. PS . Por Princesa dos jogos me aclamarem
EW . Por princesa dos jogos me aclamarem,
Falta em HP
130. PS . Minhas Irmãs — eu lhes direi — deixai-me
PE . Minhas irmãs, eu lhes direi, deixai-me
Falta em HP
131. MM1, 2, PAV, AN, EC . Na soldão chorar minhas desgraças;
SR . Na soldão lamentar minhas desgraças,
Falta em HP
132. MM1, EW . Sem dó nem compaixão, roubou-me a morte
MM2, PAV, SR, EC, NLM, PE . Sem dó, nem compaixão, roubou-me a morte
AN . Sem dó nem compaixão roubou-me a morte
Falta em HP
133. MM1, 2, PAV, AN, EC, NLM . Do meu cocar a pena mais mimosa;
SR . Do meu cocar a pena, mais mimosa
Falta em HP
134. PS, MM1, 2, PAV, AN, EW, EC . A jóia peregrina do meu cinto,
Falta em HP
135. Falta em HP
136. MB, PS . O lume dos meus olhos! — Oh! meu filho,
MM1, PAV . O lume de meus olhos! — Oh! meu filho,
MM2, EC . O lume de meus olhos — Oh meu filho,
SR . O lume de meus olhos! Oh! meu filho,
NLM . O lume de meus olhos! — ó meu filho

- PE . O lume dos meus olhos! — Ó meu filho,
 EW . O lume de meus olhos! Oh! meu filho!
 AN . O lume dos meus olhos! — Oh meu filho,
 Falta em HP
137. NLM . Inda canta a araponga, e o rio volve
 Falta em HP, todos escrevem *araponga*
138. Falta em HP.
 Menos NLM, os demais colocam ponto e vírgula no fim do verso;
139. Falta em HP
140. MB, PS, SR, PE . Verde-negra de flores alvejantes,
 MM1, 2, PAV, AN, EW, EC, NLM . Verde-negra de flores alvejantes;
 Falta em HP
141. MM1, 2, PAV, AN (sem aspas), EC, . E tu já não existes!....."
 SR, EW . E tu já não existes! — Sol brilhante,
 Falta em HP
142. Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC
143. Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC.
 MB, PS, SR, EW, PE . Ó Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
144. MM1 . Primeiro volverão séc'los e séc'los,
 MM2 . Primeiro volverão sec'los e sec'los
 PS . Primeiro volverão séc'los e séculos,
147. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC
148. Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC
149. PS, NLM . E, ai de mim! Não terei onde asilar-me!
 EW . E, ai de mim, não terei onde asilar-me!...
 Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC
150. Falta em MM1, 2, PAV, AN, HP, EC
151. PS . E, ai de mim! Não terei quem me defenda!
 Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC
152. MM1, 2, PAV, AN . Como estalarão tantas esperanças
 EC . Como estalarão tantas esperanças
153. MB, SR, HP, PE . Em um momento de dor? — Eia, dizei-mo,
 PS, NLM . Num momento de dor? — Eia, dizei-mo,
 MM1, 2, PAV, AN, EC . Num momento de dor! — Ela, dizei-mo,
 EW . Em um momento de dor? Ela, dizei-mo,
154. EC . Erguidas serras, broncas penedias
155. MB, PS, SR, EW, HP, NLM, PE . Ó nume de meus pais, ó sol brilhante,
 Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC
156. MB, PE . Ó Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito? —
 PS, SR, EW, HP, NLM . Ó Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
 MM1 . Oh Tupá! oh Tupá que mal te hei feito?!... —
 MM2, PAV (fecha aspas), AN (fecha aspas), EC . Oh Tupá, oh Tupá, que mal
 te hei feito?!... —
157. PS, MM2 . Não pode mais dizer... por entre as matas
 MM1 . Não pode mais dizer... por entre as matas;
 PAV . Não pode mais dizer... Por entre as matas
 AN, NLM, PE . Não pôde mais dizer... por entre as matas
 EW . Não pude mais dizer... por dentre as matas,
 HP . Não pode mais dizer... por dentre as matas
 EC . Não pude mais dizer... por entre as matas

158. PS, PE . Como um sonho ligeira a vi sumir-se
PAV . Como um sonho ligeira a vi sumir-se...
SR . Como um sonho, ligeira a vi sumir-se.
AN . Como um sonho ligeira a vi sumir-se,
MM1, EW, NLM . Como um sonho, ligeira, a vi sumir-se
159. PS, AN . E o oco som das vagas nos cachopos
160. EW . E o sibilo dos ventos, nas florestas,
161. E o eco dos vales, das montanhas,
MM1, NLM, PE . E o eco das montanhas e dos vales
MM2, PAV, EC . E o eco das montanhas e dos vales,
SR, HP . E o eco destes vales, das montanhas
AN . E o eco das montanhas e dos vales
EW . E o eco destes vales, das montanhas
162. MM1, 2, PAV, AN, EC . A modo que num coro majestoso
SR, HP . A modo qu'em um coro majestoso
EW . A modo que em coro majestoso
163. Menos SR, todos colocam dois pontos depois de *repetiam*
164. MB, PS, SR, EW, HP, NLM, PE . Ó nome de meus pais, ó sol brilhante
Falta em MM1, 2, PAV, AN, EC
165. MB . Ó Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
PS, SR, EW, HP (fecha aspas), NLM, PE . Ó Tupá, ó Tupá, que mal te hei
feito?
MM1, EC . Oh! Tupá! oh! Tupá! que mal te hei feito?...
MM2, PAV (fecha aspas) Oh Tupá! oh Tupá! que mal te hei feito?...
AN . Oh Tupá! Oh Tupá! que mal te hei feito?...
- (c) MB . repete a data e as iniciais;
MM1 F. Rodrigues Silva;
PE, a data.